



Homens vitoriosos
em encontro fraterno
durante almoço no
Bistrô Grand Cru

PAG. 7



Dois empresários vitoriosos em encontro fraterno no Bistrô Grand Cru colocando as conversas em dia: Antônio Gentil (potiguar) e Carlos Gaspar (maranhense)

Dama da sociedade
maranhense no
casamento de uma
neta em Brasília

PAG. 2

Divulgação/Herbert Albes



ESTE ANO
a Primavera chega de modo especial para Rosário Saldanha. Ela comemora 70 anos no dia 21 e a floração primaveril invade também esse seu novo tempo saudando a nova estação que chega repleta das flores que enfeitam a sua eterna alegria de viver

Num domingo recente, desviei as incursões peripatéticas a que me entrego em benefício de um inquieto coração, rumo ao chamado Centro Histórico de São Luís, que é talvez a mais antiga área sofisticada da cidade. Jamais caminhei só. Levo junto a imaginação do escritor.

Mas nada tinham de fantasiosas as antigas “mansões” que fui percebendo desertas e malcuidadas em certas ruas e praças.

Não eram todas. Havia umas habitadas ou convertidas em sedes de empresas. Mas outras estavam fechadas, protegidas por um zelador, grades, cães e alarmes. Boa parte dos espaços próximos tinha sido invadida por desocupados.

Minha atenção foi convocada pelos palacetes agonizantes: sou um nostálgico assumido. Ornados de mirantes e sacadas, guardavam os claros vestígios de um ido esplendor. Sua arquitetura era eclética, no geral composta de moradas inteiras, meiamoradas e sobrados; ora se observavam torreões sobranceiros, nunca faltavam ar-

SÃO LUÍS

vive o terceiro milênio como uma cidade sem memória e de costas para o futuro

voredos ao fundo, sugerindo pomares.

Frequentei, na época de colégio e de faculdade – ou seja, nos meus anos inaugurais nesta cidade –, vários exemplares do gênero, onde vivia colegas e amigos ricos, isso naturalmente antes que São Luís fosse exposta à corrida imobiliária que lhe deformou a face, lhe roubou a luz e os horizontes, em troca de desgraciosos caixotes de concreto.

A mais bela das casas que visitei, faria excelente figura num filme rodado na Riviera, na Nova Inglaterra, nas margens do Wannsee. Mas acabou demolida pela ação do tempo e pelo descaso de seus proprie-

tários e do poder público.

Bateu-me uma saudade talvez da adolescência, talvez da capital civilizada, remotamente europeia, que ainda peguei no final dos Anos Dourados. E várias perguntas me assaltaram, irrespondidas.

Onde foram parar os risos, as vozes, os momentos de celebração ou de doçura que povoaram aquelas moradas?

Onde sumiram as festas de 15 anos, os casamentos, os chás tranquilos à sombra de acácias e flamboyants, os jantares que requeriam trajes de noite?

Que voragem consumiu as reuniões dançantes de sábado, na antiga sede so-

cial do Lítro da Praça João Lisboa, os namoros inaugurados nos jardins floridos, os móveis, as louças, as telas de artistas famosos, os espelhos de cristal, as salas de música refinadas, elegantes, e ainda assim nuas de ostentação?

Em qual dessas vilas reduzidas a tape-ras uma senhorita atrevida e linda disparou um olhar de flama a um cavalheiro com quem estivera discutindo a quase cegueira de Huxley e a música revolucionária de Debussy?

Em que chaise-longue uma dama, lendo um romance de Lawrence, “O amante de Lady Chatterley”, percebeu seus sentidos imersos em cúmplice alvoroço?

Nem desconfio. Há lugares neste vasto mundo sem porteira em que te mostram: aqui era o palacete dos Buddenbrook; ali se desenrolou a saga dos Rougon-Macquart; naquela vivenda do canto Victor Hugo compôs Waterloo.

Já nós, somos superiores. Abolimos a memória. Talvez seja o melhor modo de deletarmos o passado e voltarmos as costas para o futuro.



Da escola para o altar: os noivos Giovanna Costa e Nicholas Vasconcelos enchem as taças de champagne para brindar um momento de pura felicidade e eternizam o amor de infância



Fotos/Divulgação

Os noivos chegando para a cerimônia de casamento

BONITO CASAMENTO NO PLANALTO CENTRAL

Em Brasília, durante toda a semana que passou, a previsão era de chuvas intensas, mas no dia do casamento de Giovanna Costa e Nicholas Vasconcelos o tempo amanheceu bonito e as nuvens não ameaçavam a tão sonhada cerimônia da união matrimonial do jovem casal que se conheceu ainda na escola de Ensino Médio, há 11 anos.

E assim Giovanna e Nicholas deram um novo e importante passo no relacionamento ao eternizarem a união em uma cerimônia emocionante realizada na tarde de

10 de setembro (quinta-feira) no Espaço da Lenda (Sweet Cake), que ganhou uma decoração deslumbrante para a festa.

Felizes, os noivos oficializaram o casamento e celebraram o momento festivo cercados por familiares e amigos de Brasília e do Maranhão que, ao som da Banda Casa 20, curtiram a noite até o fim.

A avó paterna da noiva, Amparo Meneses Costa, era o mais perfeito retrato da felicidade dividindo aquele momento com o filho Ricardo Costa e a neta Giovanna.



As avós Diva Vasoconcelos e Amparo Costa levando as imagens da Segrada Família e Nossa Senhora, abrindo caminho para o cortejo dos padrinhos de casamento



Os noivos ladeados pelos pais dela, Sandra Amaral e Ricardo Costa, e os pais dele, Liana Vasconcelos e Antônio Rebouças



Já casados, os noivos chegando à área da recepção aos convidados



Dante Pucci, Eduarda Vidal, Mariana Vasconcelos e Pedro Carrara



Amparo Costa e a irmã Rita Tomé



Os noivos cortando o bolo de casamento



Pai e filha em momento de ternura



Ana Cristina Noleto, Marina Noleto e José Cruz



Amparo Costa entre o filho Ronaldo e Ângela, Cristiana e Marcelo



Amparo Costa e o filho Roberto



Filipe Pires, Natália Caldeira, Daniel Duran, Mariana Bittencourt, Pedro Zorron e Mayanna Jovita

Um jantar no La Tour d’Argent

É verdade que este Repórter PH já fez algumas incursões num dos mais emblemáticos restaurantes de Paris – e quiçá do mundo! Sim, confesso que estive algumas vezes – creio que mais de cinco – no emblemático La Tour d’Argent, que fica próximo da catedral de Notre Dame, nas margens do Sena. E não foi o famoso pato numerado que me causou emoção. Mas sim a adega.

Em um cenário que mais lembra uma masmorra, muita escuridão e frio, passagens estreitas, cadeados e correntes, dormem mais de 400 mil garrafas de vinho, essencialmente de marcas francesas. Os poucos “estrangeiros” lá são vinhos do Porto.

Essa infinidade de garrafas está espalhada por dois andares de “calabouço” no subterrâneo do mais tradicional restaurante francês.

Um jantar no La Tour d’Argent...2

E, como se tal não bastasse, na volumosa carta de vinhos não faltam tintos, brancos, rosés, champagnes e espumantes para harmonizar com as delícias da cozinha.

Há duas adegas na casa. Na parte de baixo, abrindo para o salão, há uma caixa forte: um imenso cofre de verdade que pertencia a uma agência bancária que funcionou no local. Trata-se de outra metáfora: em vez de dinheiro e títulos de crédito, hoje ali estão, sob rigoroso controle de umidade e temperatura, algumas das garrafas mais preciosas produzidas no planeta.

São rótulos como Petrus, Château Margaux, Mouton Rothschild, Lafite Rothschild, Romanée Conti, Montrachet, Vega Sicília, Brunello de Montalcini, Barca Velha, entre outros 5 mil de um total de 200 mil garrafas.

Não há sede que resista.

Primeira canção em São Luís

Em São Luís é que nascem as gaiotas. Que pena, meu amor, o mar não ser um copo de água pura. De água para a sede que em São Luís eu vi nascer.

Em São Luís. Capital do vento sul. Coração do meu povo. A doer tanto que a dor se tornou cor. E é azul como a brim dos homens do meu canto.

Em São Luís a gente morre sem idade. Devagar. Como se faz uma canção. E há um pássaro que voa. É a saudade. E uma janela aberta. O coração.

Livros usados

Preferia que fosse ficção, mas tudo indica que é verdade. O mercado de livros usados da Europa vem registrando um estranho aumento de vendas.

De repente, sem nenhuma motivação aparente, livrarias e sebos do Reino Unido começaram a receber pedidos volumosos de obras que estavam nas prateleiras há anos.

Os livreiros chegaram a se entusiasmar, mas logo constataram que as compras não provinham de escolas, de governos, nem desses clubes de leitura que voltaram à moda nas grandes cidades.

Quem seria o comprador misterioso?

Livros usados...2

Ninguém precisou apelar a Hercule Poirot ou Miss Marple para solucionar o mistério. Antes de revelá-lo, pergunto: não deveriam os donos de livrarias – e nós todos que amamos a leitura – soltar foguetes com esse aumento inesperado da venda de livros?

Pior é que não. Seria o mesmo que celebrar a greve da morte daquele romance célebre de Saramago. Lembram-se? Por um estranho fenômeno, ninguém mais morria num determinado país. No primeiro momento, pareceu uma bênção. A população inteira festejou.

Mas logo todos perceberam que se tratava de uma maldição, pois os doentes agonizantes e seus familiares passaram a implorar pela Indesejada das Gentes para aliviar-lhes o sofrimento – e ela nem aí para eles.

Livros usados...3

Assim parece estar ocorrendo com os livros. O comprador, na verdade uma compradora, também os está destruindo. Chama-se ela Inteligência Artificial, IA para os íntimos.

Empresas de tecnologia estão treinando seus softwares de IA com os conteúdos de “todos os livros do mundo”, como consta no chamado Projeto Panamá, da norte-americana Anthropic.

Evidentemente que sem pagar nada a seus autores. Mas isso não é o pior: os robôs vêm sendo “treinados” por meio da digitação destrutiva, que inclui a remoção da lombada dos volumes e a transformação do restante em aparas de papel para reciclagem.

Livros usados...4

Não faltava mais nada. Depois que o telefone celular, a internet e as mídias sociais sequestraram a atenção da humanidade, tornando a leitura de impressos um hábito quase em extinção, agora surge um monstro devorador de livros, predador e insaciável.

Onde está o fio de Ariadne para a gente sair desse labirinto?

MEMÓRIA

Fotos/Rreprodução/IA



É IS UM quarteto que fez história na crônica social brasileira dos últimos 60 anos: a piauiense Elvira Raulino (comemora 80 anos com uma grande festa em Teresina, no próximo dia 21), o Repórter PH (maranhense e o mais novo, com 78 anos), o pernambucano João Alberto Sobral (nome mais expressivo do seu Estado – fez 80 anos em 2026) e Lúcio Brasileiro (1939-2026), o primeiro a fazer a longa viagem rumo às mais cintilantes constelações, logo após celebrar seus 87 anos de idade. O registro do encontro dos quatro cronistas foi na comemoração dos 50 anos de colonismo de Lúcio, no começo deste terceiro milênio

A FISCALIDADE DA FOTOGRAFIA: UMA CONEXÃO TANGÍVEL

Em um mundo dominado por imagens digitais, a fiscalidade das fotografias antigas é outro fator-chave em seu impacto emocional. Segurar uma impressão tangível em suas mãos – sentir a textura do papel, ver as imperfeições e talvez até sentir o leve cheiro da idade – cria uma conexão mais íntima e pessoal.

Essa interação física envolve nossos sentidos de uma forma que as imagens digitais muitas vezes não conseguem. Ela nos permite sentir uma conexão mais profunda com a imagem e com as memórias que ela representa.

O ato de manusear fisicamente uma fotografia também pode ser uma experiência meditativa, incentivando-nos a diminuir o ritmo, a refletir e a apreciar o momento capturado na moldura.

A tecnologia da fotografia evoluiu dramaticamente ao longo do tempo. As primeiras fotografias, com seus tempos de exposição mais longos e configurações frequentemente formais, capturam um tipo diferente de realidade do que os instantâneos modernos. Elas geralmente retratam um senso de formalidade, de pose deliberada e de uma abordagem mais ponderada para

a criação de imagens.

Essa diferença de abordagem pode contribuir para o impacto emocional das fotos antigas. A formalidade das imagens, a composição cuidadosa e a natureza deliberada do momento capturado podem criar um senso de reverência e respeito pelos assuntos e pelo período de tempo. Elas oferecem um vislumbre de um modo de vida diferente, uma maneira diferente de ver o mundo.

Para este fim de semana, o registro de alguns momentos especiais vividos pelo Repórter PH com celebridades que marcaram o século 20.



EM 2001 tive o prazer de encontrar em três momentos distintos em Paris o lendário ator egípcio Omar Shariff: o primeiro foi em Rolland Garros, na comemoração do terceiro título de campeão do torneio conquistado pelo tenista brasileiro Guga Kuerten; o segundo, no Bistrot L’Ami Louis, no Marrais, em que ele chegou acompanhado de várias celebridades, entre as quais, o ex-presidente Bill Clinton (EE.UU) e o investidor do mercado financeiro Naji Nahas; e o terceiro e último foi no icônico Hotel Plaza Athénée (foto), onde, por coincidência, estávamos hospedados

O casal de músicos

A Rua Grande era um lugar onde desfilavam algumas das mais belas deusas da cidade, para adoração perpétua dos mortais que se postavam nas janelas de algumas residências ou em frente às lojas, implorando um olhar, um sorriso, um fio de esperança.

Hoje a Rua Grande é só um lugar de onde as pessoas têm pressa de sair, e não era outra minha intenção quando ouvi Contigo in la Distancia. É um bolero que me faria parar em meio a um campo de batalha, de modo que esqueci incontinenti de tudo mais e me dediquei a pesquisar de que desconhecido palco fluíam aqueles sons.

Foi uma tarefa algo difícil, pois eu estava cercado de camelôs, desocupados, meliantes, moçoilas de vida airada, senhoras ferozmente agarradas a suas bolsas, senhores inquietos com o incerto destino de suas carteiras, embalados todos numa espécie de tocata e fuga insana e participativa.

Sou no entanto um observador metódico e não tardei a descobrir o casal de músicos na calçada do antigo Cine Eden.

O casal de músicos...2

Disse casal de músicos? Pois nem tanto. O músico era ele, pesado, tristonho, arrancando toscas imitações de harmonias do que, em melhores tempos, deve ter sido um violão.

Agora, de perto, eu constatava: ele acabava de assassinar brandamente aquele trecho que fala in parte de mi alma, ia trucidar em seguida el sol y las estrellas.

Mas já não me importava que chacinasse a Nona Sinfonia. Eu estava fascinado com a visão dos dois, sentenciados ao sol de maio, à indiferença das gentes, à tocante incompatibilidade das mãos maltratadas da mulher com o pandeiro que ela sacudia cansadamente, a intervalos.

O casal de músicos...3

Aquele homem e aquela mulher deviam ter-se apaixonado profunda e proibidamente. Ele não era pesado, nem tristonho. Havia em seus gestos e em seus músculos e no jeito com que segurava o violão, assim como quem abraça o corpo de uma amada, uns lampejos de ousadia. E havia nela, na beleza antiga de sua face, num certo meneio de cabeça, no modo com que então erguia o pandeiro, feito uma bailarina, uns traços de desafio e encanto.

Tinham percebido que me agradava o Contigo in la distancia, pois recomecaram da antepimeira nota, estrangulando suave e cuidadosamente cada compasso e tom, como se essa fosse sua missão na Terra.

A minha é ser nostálgico. Assisti ainda a uma outra reprise da mesma execução, mas ao perceber que se preparavam para torturar docemente uma quarta, estendi-lhes uma nota de R\$ 50 e me evadi da Rua Grande. Não sem perseguição. Por estas noites quentes provocadas pelo aquecimento global, nas esquinas da insônia, ambos me tocaiam cúmplices dos esconderijos de minhas pálpebras. E se finjo dormir me ameaçam os dois com o terno fuzilamento de mais uns 13 boleros.

É o seu jeito, suponho, de se queixarem do modo como travestiram a Rua Grande, da maneira como baniram suas deusas e seus enamorados, da forma como transplantaram outra cidade para o lugar onde existiu São Luís.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Zenira Fiquene com as filhas Silvana, Priscilla, Débora e Fabíola

LINDA FESTA PARA ZENIRA

Empresária, educadora, figura pública do Maranhão, a ex-primeira dama do Estado, Zenira Massoli Fiquene mudou de idade e reuniu uma multidão de amigos no dia 12 de setembro, no Espaço de

Eventos Turmalina do Hotel Blue Tree Premium São Luís.

Com a alegria e simpatia que são marcas de sua personalidade, Zenira realizou uma tarde festiva com direito a almoço, ótimas bebidas e shows de artistas como Chiquinho

França e Japa do Arrocha (ou Érica Teixeira, de batismo).

E com essa atmosfera do mais elevado astral, ao lado das filhas Silvana, Priscilla, Débora e Fabíola, ela celebrou em grande estilo seus bem vividos 75 anos de idade.



Thatiana e César Bandeira



Luiza Fiquene e Tuta Sancho



Zenira com a familiares, Jadylle Massoli, Wesclay, José Wilson Massoli e Meire Massoli



Luiz e Luzia Waquim, Zenira Fiquene e Eduardo Nicolau



Fabíola Fiquene com Henrique Moreira e Luiza Fiquene



Bruno Castro e Erlla Castro, Zenira Fiquene, Des. Antonio Carlos Medeiros, Neusa Castro e Marise Castro



Victor Sardinha, Rafaela Sarney Murad, Zenira Fiquene e Fernanda Sarney Murad



O Reporter PH com o Dr. Antonio Carlos Medeiros, Zenira Fiquene, Neusa Medeiros, Fabíola Fiquene e Manuella Macedo



Zenira Fiquene e Francisca Ferreira do Monte



Maza Soares, Luiza Fiquene, Sonia Matos, Fabíola Fiquene e Virginia Albuquerque



Zenira Fiquene e o Repórter PH



Gabriela Fiquene Vaz

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Dr. José Medeiros e Iara Moreira Lima com o desembargador Antonio Carlos Medeiros



Fernanda e Rafaela Sarney Murad, Victor Sardinha e o Repórter PH



Aline Ribeiro, Priscilla Fiquene, Michelle Guimarães e Yara Moreira Lima



O Repórter PH com Maria Leônia e Vandira Peixoto



Zenira Fiquene e Chiquinho França



Marise Castro, Dr. José Medeiros e Iara Moreira Lima com Luzia Waquim



Japa do Arrocha com o PH e Zenira Fiquene



Milina Gedeon, Zenira e Vanjinha Gomes



Luzia Waquim, Vandira Peixoto, zenira Fiquene com Luiz Waquim e Fabíola Fiquene



Manuella Macedo, Maria Leônia, Zenira e Silvana Fiquene



Paula Fiquene, Tuta Sansho com Silvana e Zenira Fiquene



Thatiana Bandeira, Fabíola e Zenira Fiquene, Vanjinha Gomes e Milina Gedeon



Socorro Barbosa, Maria José Vieira, Zenira Fiquene e o PH



Sonia Matos e Zenira Fiquene



Paula Fiquene, Debora e Luiz Antônio da Cunha



Aline Teixeira e Manoel Ribeiro com o Des. Antonio Carlos Medeiros



Luiz Antonio da Cunha, Silvana Fiquene, Maycon Andrade e Fabíola Fiquene



A aniversariante Daniella Rocha ao lado do bolo de aniversário



Camila Bandeira, Daniella Rocha, Luiza Fernandes e Ana Clara Rocha



Fotos/Divulgação/

ALMOÇO À BEIRA DO MAR

O Ferreiro Praia, restaurante do Grupo Ferreiro Grill na Península da Ponta d’Areia, foi o local escolhido no domingo passado por Kátia e Marcone Athayde Rocha, para a comemoração da nova idade da filha caçula Daniella, jovem advogada que já atua com

desenvoltura nessa área.

O encontro reuniu a família, que revelou já estar em gestação o primeiro neto (ou neta), que será o primeiro herdeiro da primeira filha, Camila (médica cardiologista e Capitã Médica da Polícia Militar) e do marido Carlos Eduardo

Bandeira, que dará o segundo neto a Thatiana e Carlos César Bandeira.

E com essa atmosfera no ar, o almoço se prolongou pela tarde inteira, com deliciosos quitutes e ótimas bebidas sendo servidos num ambiente de muita alegria e descontração.



Os Rocha reunidos: Rhelmsen, cantora Daysa Costa, Kátia, Marcone, Camila, Daniella e Ana Clara



Kátia e Marcone Rocha, Camila, César Bandeira e Thatiana, Daniella e Ana Clara Rocha



Nilson Ferraz, o Repórter PH e Marcone Athayde Rocha



Camila Rocha Bandeira com Rhelmsen e Daysa, Lucas Ferraz e Daniella



Os irmãos Lucas e Nicholas Ferraz com as namoradas Daniella e Rebeca



As irmãs Rocha com a amiga Rebeca



Flávia e Nilson Frazão Ferraz



Leonardo Barros e a aniversariante



Camila Paixão e Cristiano Barroso Fernandes

A bailarina de cristal

O mal de ler demais é imaginar que a gente conhece um pássaro, uma árvore, um lugar. A última vez que andei em Veneza foi apenas para perceber que, apesar de ter sido apresentado a um Casanova, a um Mann e a um Hemingway, a um Enrico Maria Salerno e a um Visconti, a um Tiepolo e a um Canaletto, a um Vivaldi e a um Marcello Mastroiani, não a conhecia.

Pois a Sereníssima República paira além das múltiplas obras que inspirou. A simples visão daquela móvel imponência transcende cada mínima ousadia de interpretá-la à distância.

Descobri, de volta a esta gripada São Luís, que metade das fotos que tirei, em minha mais recente navegação mediterrânea, era das vizinhanças do Palácio dos Doges. Constatei ainda que, embora seja o autor de péssimos enquadramentos da Piazza di San Marco, da Ponte dos Suspiros ou do Gran Canale, não me ficou um único instantâneo da pequena loja de cristais.

A bailarina de cristal...2

Desci do vaporetto no Rialto, na companhia de um grupo incerto entre incursionar à Bienal e a uma mostra de Frida Kahlo ou devotar-se à contemplação de uma vária humanidade no Florian.

Votei por esta opção e já antecipava os prazeres de uma honesta cerveja no histórico café quando topei com a loja, resumida a porta e vitrina. Não tinha a exuberância das casas suntuosas que exibiam o notável produto de Murano. Era modesta, era tímida.

Olhei os cálices, as jaras, as ânforas, e aí me encantei com a bailarina. Era um milagre de leveza, de suavidade de gestos, de delicadeza de traços. Perguntei o preço, que me pareceu alto. Decidi meditar a respeito no Florian, e não era outro meu destino quando me dei conta de que uma preciosidade daquelas valia o que pedissem por ela. A essa altura já me extraviara do grupo.

A bailarina, seu imóvel balé, sua cor de um rubro translúcido se tinha convertido em um objeto de desejo. Eu a queria em minha sala, em minha biblioteca, em minha vida, como um símbolo propiciatório de paz e de beleza.

A bailarina de cristal...3

Mas Veneza, eu havia momentaneamente esquecido, se ergue sobre um arquipélago. Me perdi naquele labirinto de vielas, pontes, escadarias, arcadas. Tive sorte em atinar na última hora com o rumo do vaporetto. Meus amigos comentaram que eu estava melancólico no trajeto até o pier onde nos esperava o transatlântico. Mas eu não estava. Eu pensava que era bom ter me perdido, ter perdido a bailarina de cristal.

Pois haverá melhor razão para um dia tornar a Veneza?





Os noivos Lara e Thiago durante a recepção na Casa de Zaquia após a cerimônia religiosa na Igreja de Santo Antonio

O CASAMENTO DE LARA E THIAGO

A mor, emoção e alegria dominaram todos os quesitos da cerimônia de casamento e da recepção da tarde/noite de celebração da união de Lara Serra Pinto de Alencar e Thiago

Menezes Sales Lisboa, realizada na Igreja de Santo Antonio com recepção nos jardins e nos salões da Casa de Zaquia, no Centro Histórico de São Luís. Durante a cerimônia religiosa o sacerdote soube posicionar

para todos, com muita sabedoria, o sentido do matrimônio como sacramento e fonte de bênçãos. Na recepção, os noivos vivenciaram o afeto dos muitos convidados, amigos e familiares.



O noivo Thiago de braços dados com a mãe Rita de Cássia Menezes Sales Lisboa



A mãe da noiva, Maria da Glória Alencar, com o pai do noivo, Amadeu Araújo Lisboa Junior



A avó paterna da noiva, Nazi Holanda de Alencar, com o filho Mário (carinhosamente chamado de Dedê), pai da noiva



Márcia Holanda de Alencar com o irmão e pai da noiva, Mário (Dedê) Holanda de Alencar



O tio da noiva, Mauro Holanda de Alencar com o irmão Mário (Dedê) e a mãe Nazi Holanda de Alencar



A irmã da noiva, Gabriela Alencar e Jarbas Feitosa



No cortejo de padrinhos, Jennifer e Lucas Barros



Entre os convidados, Fernanda e Amadeu Araújo Costa

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



O arquiteto César Cardoso e o Repórter PH com os empresários Carlos Gaspar e Antônio Gentil

TARDE DE AMIGOS NO GRAND CRU

O bistrô Grand Cru, na Ponta do Farol, foi palco, no dia 11 de setembro, de um almoço que reuniu no mesmo ambiente nomes do maior prestígio em nosso meio, para almoço e atualização de conversas em clima de alto astral e agradável confraternização.



O Repórter PH, César Cardoso, Antonio Gentil, Carlos Gaspar e Rafael Gentil



O Repórter PH e César Cardoso entre o atual e o ex-presidente do TJMA



Alfredinho Duailibe com os desembargadores Jamil Gedeon, Ricardo Duailibe e Froz Sobrinho



Des. Ricardo Duailibe entre Alfredinho Duailibe e Elie Georges Hachem



Desembargador Froz Sobrinho e esposa Edmée



Guilherme Palácio



Samira Cutrim



Jennifer Humbelino



Gaudêncio Barbosa e Samira Cutrim (da Elleve)



Janete Costa



Maurício Palácio



Amanda Couto



Mariana Dias, Jennifer Humbelino, Samira Cutrim e Maria Eduarda Andrade



Daniel Correia, Janete Costa, Milena Abreu e André Marinho



Rafael Câmara e Maria Eduarda Andrade

Odisseu e meus tímpanos

Na odisseia de Nolan, resistir ao canto das sereias parece mais fácil do que sobreviver aos alto-falantes. E mesmo assim, o filme que continua arrasando nas bilheteria, tem sido especialmente bem-sucedido como gerador de pitacos aleatórios entre leitores e não leitores.

Dos fãs da Marvel aos professores de cultura clássica, da machosfera aos decolonialistas, de quem cita Homero no original a quem nem sabia que havia gregos dentro do cavalo.

Eu gostei muito do filme A Odisseia e fui vê-lo de novo. Mas o pitaco que eu queria dar aqui não é exatamente sobre o filme (você já deve ter lido o suficiente e ainda vai ler mais até o Oscar de 2027), mas sobre adaptações em geral.

Porque não existem apenas as boas e as ruins, mas as que apostam em uma leitura original e as que vão na onda da trama episódica, sem muita preocupação em construir uma nova camada de significados.

Se você assistiu Troia (2004), de Wolfgang Petersen, conhece um ótimo exemplo de adaptação diet em inteligência e profundidade. Trata-se de

uma leitura não apenas superficial de Homero, mas chocha em termos de ideias. Na minha classificação, essa é a típica adaptação falhada. Não porque deixou os deuses de lado ou porque Brad Pitt faz um Aquiles que é a cara do Brad Pitt, mas porque não há élan vital na leitura de Petersen.

Você pode não ter gostado de A Odisseia porque é o melhor leitor de Homero desde a invenção do alfabeto grego ou porque acredita que uma superprodução hollywoodiana jamais teria “gravitas” suficiente para recriar um clássico, mas não pode negar que Christopher Nolan tem uma interpretação oportuna para oferecer.

Partindo de uma obra que há séculos vem provocando reflexões sobre diferentes épocas e circunstâncias, o cineasta britânico queria narrar não apenas a jornada de Ulysses, mas a trágica história de um povo grandioso que ergue e destrói coisas belas – e guarda o péssimo hábito de achar feio tudo que não é espelho. As que apostam em uma leitura original e as que vão na onda da trama episódica.



John Leguizamo ao papel de Eumeu, personagem cego de A Odisseia

Ator ficou sem enxergar

John Leguizamo, que interpreta Eumeu no novo longa-metragem de Christopher Nolan, contou que utilizou lentes de contato que bloquearam sua visão durante as gravações. A escolha foi feita com o objetivo de deixar a atuação mais realista, já que o personagem é um homem cego no filme.

A dedicação de John Leguizamo ao papel de Eumeu, personagem cego de A Odisseia, exigiu muito mais do que uma preparação convencional. O ator revelou que passou entre 12 e 14 horas por dia praticamente sem enxergar durante as gravações do longa dirigido por Christopher Nolan, experiência que impactou sua rotina dentro e fora do set.

Em entrevista recente ao Entertainment Tonight, Leguizamo explicou que utilizou lentes de contato especiais que bloqueavam sua visão para tornar a interpretação mais fiel. Segundo o artista, a limitação foi tão intensa que ele precisou de auxílio da equipe para realizar atividades básicas, como se locomover, comer e até ir ao

banheiro. Ao relembrar as filmagens, o ator descreveu como a perda temporária da visão transformou completamente seu dia a dia durante a produção.

– Eu não conseguia ver meu celular, não conseguia ler, não conseguia fazer ligações – contou. Leguizamo afirmou que a equipe esteve ao seu lado durante todo o processo.

– Precisavam me levar ao banheiro, me trazer de volta. Precisavam me levar para comer – revelou, destacando o nível de dependência causado pelas lentes utilizadas para compor o personagem.

Além dos desafios físicos, a experiência também teve impacto emocional. O ator contou que os momentos em que ficava sozinho acabavam sendo marcados por longos períodos de reflexão.

– Quando estava sozinho, tinha que ficar imerso nos meus próprios pensamentos, porque era só o que tinha. Tempo demais com meus próprios pensamentos. É algo perigoso – disse ao Entertainment Tonight.

Método levado ao extremo

A dedicação de Leguizamo ao personagem não se limitou ao uso das lentes especiais. Em entrevista à revista People, o ator explicou que costuma adotar uma abordagem próxima ao “method acting”, técnica em que o intérprete busca vivenciar experiências semelhantes às do personagem para construir a atuação.

Durante uma das gravações, essa escolha o colocou em uma situação bastante desconfortável. Segundo ele, uma cena foi filmada em temperaturas muito baixas, enquanto usava um figurino leve.

– Eu estava tendo um sonho febril como meu personagem, Eumeu, e me perdendo, porque sou meio method, e o Nolan viu que eu estava congelando, porque a gente estava vestido de minissaia e fazia um frio absurdo em fevereiro – lembrou à People pelo projeto de Nolan

Lançado nos cinemas brasileiros em julho deste ano, A Odisseia marca o novo projeto de Christopher Nolan após o sucesso de Oppenheimer (2023).

O filme adapta o clássico poema épico de Homero e acompanha a longa jornada de Odisseu (Matt Damon) para retornar à ilha de Ítaca depois da Guerra de Troia, enfrentando desafios que se estendem por uma década.

Além de Matt Damon e John Leguizamo, o elenco reúne nomes como Anne Hathaway, Tom Holland, Zendaya, Robert Pattinson, Lupita Nyong'o e Charlize Theron.

Para recriar a atmosfera da Grécia Antiga, a produção foi gravada em locações na Itália, Escócia, Islândia e Marrocos, dispensando os tradicionais estúdios e apostando em cenários naturais para dar vida à aventura.